

Retração empobrecerá o país

FLÁVIA BARBOSA

Depois que a inflação começou a ceder, permitindo queda nos juros, e a taxa de desemprego não explodiu, o presidente Fernando Henrique Cardoso anunciou: "o pior já passou". É verdade o que diz o presidente. No entanto, pelos dados e projeções sobre Produto Interno Bruto, desemprego, renda e inflação, é verdade também que, se o pior já passou, o "o melhor" também está longe de chegar.

A revisão do tamanho da retração do Produto Interno Bruto (PIB) brasileiro, que passou de -4% para -2% na média dos principais bancos, FMI e governo, significa apenas que a tragédia não será tão grande.

"O presidente exprimiu o otimismo do alívio, pois a situação não será tão trágica. Mas o não-otimismo é que há questões estruturais. Para as pessoas interessam salário e emprego. E isso depende de efetivo crescimento econômico, que não se sabe quando virá", diz Lia Valls, economista da Fundação Getúlio Vargas.

Para que a renda per capita nacio-

nal não caia, é preciso que a quantidade de riquezas produzidas cresça, no mínimo, na mesma proporção que a taxa demográfica. Trocando em miúdos: se a população cresce a uma taxa de 1,4% por ano, o PIB teria que aumentar na mesma base. Se o PIB vai recuar 2% este ano, quer dizer que a nossa renda vai encolher. "De qualquer maneira é sinal de empobrecimento", afirma Lia Valls.

Sem crescimento, não se recupera o nível de emprego. O desemprego explodiu em janeiro de 1998 por causa da crise asiática. Durante todo o ano, as taxas bateram recordes, mesmo quando entramos em recessão. Esperava-se nova explosão da taxa este ano, o que não aconteceu.

O cenário não deixa, no entanto, de ser desolador. O ambiente pós-desvalorização ficou confuso e a decisão de cortar vagas não foi tomada imediatamente em muitas áreas. Na contramão, com a economia em queda, as companhias não contratam – e com a retomada do segundo semestre as contratações não serão imediatas.

O economista do Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas (Ipea) Lauro Ramos não descarta nova alta do desemprego. Apesar da População em Idade Ativa (PIA, em idade de trabalhar) estar crescendo perto de 1,4%, a População Economicamente Ativa (PEA, efetivamente trabalhadora) tem aumentado mais lentamente, mesmo com a renda em queda.

A tendência costuma ser oposta. Quando cresce a PIA, espera-se pressão sobre a PEA. Se há descompasso, normalmente está-se registrando aumento da renda – as pessoas mais jovens poderiam estudar mais tempo, por exemplo. Mas quando a renda cai, como agora, é natural uma reorganização do orçamento familiar e as pessoas costumam adiantar a entrada no mercado.

"É desalento, porque não há oferta de emprego? Não sabemos ainda. Mas não é um processo sustentável indefinidamente. Em alguma hora as pessoas terão de pressionar o mercado de trabalho e o desemprego pode voltar a explodir", explica Ramos.

A combinação de queda na renda e

desemprego atinge o setor produtivo. É por isso que o comércio vem registrando perdas expressivas de faturamento nos últimos 18 meses. Se na ponta não se compra, a indústria não aumenta a produção, pois o varejo não faz encomendas expressivas.

O ambiente de recessão favorece a redução da inflação. O economista Paulo Sidney Cota, da FGV, vem repetindo que a rápida queda dos índices está intimamente ligada à retração econômica. Com vendas fracas, indústria e comércio tendem a segurar os preços. A cotação do dólar em R\$ 1,68 antes das expectativas também ajudou, já que os produtos atrelados à moeda americana ficaram mais baratos imediatamente.

É o caso dos alimentos, cujos preços despencaram, porque a safra de grãos foi excepcional. O efeito sazonal sobre legumes, frutas e verduras também tem sido positivo. "Com dólar estável, boas safras e uma certa recessão, a inflação fica sob controle. Podemos até ter deflação se a recessão se agravar", avalia Paulo Sidney.